

A CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE NA MULHER IDOSA: UMA ABORDAGEM DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

CONSTRUCTION OF SEXUALITY IN ELDERLY WOMEN: AN ANALYTICAL PSYCHOLOGY APPROACH

LA CONSTRUCCIÓN DE LA SEXUALIDADE EN LA MUJER ANCIANA: UN ENFOQUE DESDE LA PSICOLOGÍA ANALÍTICA

Jéssica Caroline dos Santos¹  Isadora Rangel Rossetim de Souza² 

Resumo: O tema da sexualidade na velhice é pouco estudado, principalmente quando relacionado a mulheres idosas. O presente artigo teve como objetivo principal analisar as perspectivas dessa população acerca da sexualidade, o método é qualitativo e exploratório, devido à necessidade de ampliação do conhecimento específico sobre a sexualidade na velhice feminina. Foram obtidas três histórias: Margarida, Violeta e Camélia com idades entre 60 a 74 anos que abordaram as seguintes unidades de sentido: Impasses da vivência da sexualidade nos relacionamentos afetivos; A individuação do feminino na mulher idosa; Perspectivas para as expressões da sexualidade da mulher idosa. Conclui-se a partir desta pesquisa muitos dilemas vividos pelas idosas na sexualidade, como as violências de gênero que estruturam o complexo heteropatriarcal e aos paradigmas opressores em torno da velhice da mulher. Ao pensar a individuação da mulher idosa, torna-se essencial o contato interior com a imagem subversiva de Lilith, em contraste com Eva e com as projeções do patriarcado.

Palavras-chave: Velhice; Mulher; Afetividade.

Abstract: The topic of sexuality in old age is not very studied, especially when related to elderly women. The main objective of this article was to analyze the perspectives of this population regarding sexuality. The method is qualitative and exploratory, due to the need to expand specific knowledge about sexuality in female old age. Three stories were obtained: Margarida, Violeta and Camélia, aged between 60 and 74 years old, which addressed the following units of meaning: Impasses in the experience of sexuality in affective relationships; The individuation of the feminine in elderly women; Perspectives for the expressions of sexuality in elderly women. It can be concluded from this research that many dilemmas experienced by elderly women in sexuality, such as gender violence that structures the heteropatriarchal complex and the oppressive paradigms surrounding women's old age. When thinking about the individuation of the elderly woman, inner contact with the subversive image of Lilith becomes essential, in contrast to Eve and the projections of patriarchy.

Keywords: Old age; Women; Feelings.

Resumen: El tema de la sexualidad en la vejez está poco estudiado, especialmente cuando se relaciona con mujeres mayores. El objetivo principal de este artículo fue analizar las perspectivas de esta población sobre la sexualidad. El método es cualitativo y exploratorio, debido a la necesidad de ampliar conocimientos específicos sobre la sexualidad en la vejez femenina. Se obtuvieron tres historias: Margarida, Violeta y Camélia, con edades entre 60 y 74 años, que abordaron las siguientes unidades de significado: Impases en la vivencia de la sexualidad en las relaciones afectivas; La individuación de lo femenino en mujeres ancianas; Perspectivas sobre las expresiones de la sexualidad en mujeres ancianas. Esta investigación concluye muchos dilemas experimentados por las mujeres mayores en la sexualidad, como la violencia de género que estructura el complejo heteropatriarcal y los paradigmas opresivos que rodean la vejez de las mujeres. Al pensar en la individuación de las mujeres mayores, el contacto interior con la imagen subversiva de Lilith se vuelve esencial, en contraste con Eva y las proyecciones del patriarcado.

Palabras clave: Vejez; Mujer; Afectividad.



¹Doutorado em Psicologia – Universidade São Paulo, USP. Professora auxiliar na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Psicologia, Curitiba, Paraná, Brasil. psicologianaliticacwb@gmail.com

²Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, foi aluna do PIBIC sobre Sexualidade e Psicologia Analítica. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil. isadora.rangel1904@gmail.com

Introdução

Abordar o tema da sexualidade na velhice é transpor barreiras de uma cultura repressora e controladora dos corpos femininos. As mulheres idosas carregam a história e as marcas do papel social da mulher e da mãe. Nesse contexto, o espaço para o desenvolvimento da sexualidade feminina é subjugado em relação ao cuidado e à maternagem que as mulheres representaram na sociedade ao longo da história. Essa situação torna-se mais complexa quando se trata da mulher idosa.

A matéria da sexualidade usualmente é apresentada na literatura sobre desenvolvimento humano, a partir das mudanças físicas que representam marcos da puberdade (processo da maturidade sexual, fertilidade - a capacidade de reprodução), como no livro organizado por Papalia, Olds e Feldman (2000). Segundo os pesquisadores, tradicionalmente, acreditava-se que a adolescência e a puberdade comessem ao mesmo tempo, em torno dos 13 anos de idade, mas em algumas sociedades modernas surgem alterações puberais antes dos 10 anos de idade. A partir dessa idade, muitas mudanças hormonais acontecem com homens e mulheres até o momento do adulto intermediário, onde importantes mudanças físicas impactam na atividade sexual.

Para além de uma perspectiva fisiológica, a definição de sexualidade é complexa, contempla diversos comportamentos e expressões que abrangem a diversidade das pessoas que buscam bem-estar. A Organização Mundial da Saúde OMS (2020) pontua que a saúde sexual está atrelada à possibilidade de ter experiências sexuais prazerosas, seguras, ausente de atitudes coercitivas e violentas. Reforçando o conceito proposto, segundo Camargo e Sampaio Neto (2017, p. 165), “uma das maneiras de definir a sexualidade é a busca por satisfação plena, em desenvolvimento contínuo, que envolve as questões biológicas, psicológicas e sociais”.

Os autores citados acima defendem igualmente que a sexualidade provoca pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental. “Essas dimensões, quando devidamente expressas ou influenciadas, podem intensificar o desenvolvimento pessoal, fortalecer parcerias e melhorar os resultados de saúde sexual. A sexualidade pode ser uma experiência bastante recompensadora” (Abawi; Smith; Marnicio, 2017, p. 44). Desse modo, é importante enfatizar que a discriminação, o controle reprodutivo da fertilidade individual, a dificuldade da contracepção e do aborto, são atitudes que estão na contramão da saúde sexual da mulher.

A história da sexualidade é apresentada por Foucault (2020/1976) no livro “História da sexualidade”, para o autor, o desenvolvimento desse tema esteve muito atrelado a hipótese da repressão, censura, controle e poder sobre os corpos das pessoas, não era possível falar sobre sexo, principalmente entre pais e filhos, essa expressão ficou atrelada ao escopo da reprodução.

Dentro do histórico da sexualidade, Masters e Johnson (1988) desenvolveram pesquisas pioneiras nesta área, enfatizaram a vivência única ligada a percepções pessoais, sentimentos, crenças e seus estudos são considerados um marco na temática da sexualidade. Os autores apontam que é possível fazer uma distinção entre atos sexuais (tais como masturbação, beijo ou relações sexuais) e comportamentos sexuais que incluem o flerte, certas maneiras de se vestir, leitura de revistas com conteúdo erótico ou sair com uma pessoa. A função pode estar atrelada ao interesse reprodutivo, recreativo e/ou relacional.

De acordo com Fleury, Alves e Abdo (2014), uma das principais dificuldades sexuais femininas é a falta de interesse/desejo sexual. As autoras identificaram que entre os fatores de risco, destacam-se o tempo de duração do relacionamento, a pouca satisfação no relacionamento afetivo, menor valorização da vida sexual, condições médicas e respectivos tratamentos. A pesquisa de Fleury, Alves e Abdo (2014) revelou que no Brasil a falta de interesse sexual nas mulheres é de 5,8% entre 18 e 25 anos; 5,8% entre 26 e 40 anos; 8,6% entre 41 e 50 anos; 15,2% entre 51 e 60 anos; e 19,9% acima dos 60 anos. Além do mais, as autoras descreveram que 58% das mulheres afirmaram ter feito sexo para agradar o parceiro, e consideram esse sintoma negativo porque afeta as mulheres.

Em relação à sexualidade da pessoa idosa, Vieira, Coutinho e Saraiva (2016) descrevem que a literatura atual tem demonstrado não existirem razões fisiológicas que impeçam as pessoas idosas, em condições satisfatórias de saúde, de apresentarem uma vida sexual ativa. No entanto, para os autores, devido ao

desconhecimento e à pressão cultural, muitos idosos que ainda possuem desejo sexual experimentam, algumas vezes, sentimentos de culpa e vergonha, por se perceberem com vontade de obter prazer.

A pesquisa de Vieira, Coutinho e Saraiva (2016) com um grupo de idosos identificou alguns conceitos relacionados à sexualidade: prazer, relação sexual, carinho, intimidade, companheirismo, desejo, amor, vida, autoestima e atitudes. Nesse contexto do estudo, é perceptível as pessoas idosas já associaram temas que significam a vivência plena, para além do seu escopo apenas corporal. Para os autores, a sexualidade do idoso é uma temática ainda carente de pesquisas, pois os estudos direcionam para as disfunções biológicas causadas na mulher e no homem.

Outro fator importante acerca da sexualidade como um comportamento que envolve duas pessoas, Camargo e Sampaio Neto (2017) descrevem que a palavra gênero foi incluída no conceito amplo com mais intensidade a partir da década de 1980, estimulada principalmente pelos movimentos sociais feministas. A filósofa responsável pela inserção e diferenciação de orientação sexual e gênero foi Judith Butler (2018) e as teorias Queer. Butler (2018) propõe que os conceitos de sexo e de gênero sejam separados e que o movimento feminista integre os movimentos LGBTQIAPN+. Além do mais, segundo Abawi, Smith e Marnicio (2017), a subjetividade e a particularidade das pessoas são partes importantes do desenvolvimento sexual. Ressaltando essa afirmação, os autores defendem que sexualidade e a saúde sexual são construídas por meio de interfaces complexas entre o indivíduo e seu ambiente, assim como a liberdade de suas escolhas, contribuindo para o bem-estar sexual.

Os estudos refletem a diversidade do campo do tema sexualidade, no entanto, é notório como ainda é atrelada à atividade física de interação dos órgãos genitais, como fazer sexo. Um estudo antropológico sobre a sexualidade brasileira evidencia o julgamento colocado pela mulher que expressava sua sexualidade livremente como putas, quanto ao homem, não há nenhum atributo pejorativo (Loyola, 2000).

Os precursores do estudo da sexualidade evidenciaram a amplitude do termo, muito mais complexo do que a atividade física do sexo, em suas diferentes nuances, incluindo o comportamento sexual. No entanto, historicamente, a mulher não pôde desenvolver a sua sexualidade e a sua expressão estava atrelada ao casamento, dessa forma, à reprodução e aos desejos masculinos. As publicidades que tratam do tema das disfunções sexuais são direcionadas a aumentar a libido, e, portanto, a frequência da atividade sexual, principalmente para o público feminino.

O estudo específico da sexualidade, orientação sexual, identidade de gênero, disfunções sexuais, ainda é um campo a ser explorado pela Psicologia Analítica. O termo é associado ao estudo da energia psíquica e a sua função simbólica na psique humana, resultando em conceitos mais teóricos.

Para Jung (2013), a energia psíquica é um direcionamento da atenção psicológica, movimento da psique, diferente da Psicanálise Freudiana, não está relacionada apenas ao contexto da sexualidade. Para Jung (2013), a libido é neutra e pode ser direcionada para várias partes da personalidade das pessoas, podendo ser sexualidade, trabalho, família entre outros. Os conceitos de progressão e regressão estão relacionados com o movimento da energia psíquica entre a consciência e o inconsciente, progressão é o movimento energético para fora, e a regressão é o caminho para a introversão. Nesse sentido, um sintoma do campo da sexualidade, pode evidenciar um conteúdo inconsciente constelado que chega à consciência na forma de sintoma. Existem outras funções da energia de acordo com Jung (2013), a entropia é uma tendência ao equilíbrio psíquico e o princípio da equivalência é uma redistribuição contínua da energia dentro de uma personalidade, e a energia acaba enfraquecendo ou desaparece em certas condições ou atividades, é transferida / direcionada para outro lugar na psique.

O símbolo é descrito como um “conceito, uma imagem, ou um nome que nos podem ser conhecidos em si, mas cujo conteúdo, emprego ou serventia são específicos ou estranhos, indicam um sentido oculto, obscuro e desconhecido” (Jung, 2016, p. 202). Nesse contexto, os símbolos sempre apontam para um significado profundo, a interpretação é um conteúdo que não está pronto, encontra-se em processo de construção do nível inconsciente para o consciente. Para o autor, os símbolos se diferenciam dos signos, esse último demonstra significados conhecidos e compartilhados, exemplificando as identidades visuais das empresas.

Ampliando essa perspectiva, para Hillman (2008) o símbolo pode se tornar uma imagem se for analisado segundo as particularidades, ou seja, contexto do indivíduo. Para o autor, o processo de simbolização ocorre

de forma espontânea na psique, transporta pelo menos uma ideia principal manifestada numa imagem, trazendo profundidade para a experiência humana. Assim, a abordagem simbólica permite um contato com a tradição imaginativa e uma análise dentro dos aspectos culturais.

A energia direcionada à sexualidade precisaria ser entendida dentro dos seus aspectos históricos/culturais. Segundo Aufranc (2018, p. 38), “a cultura judaico-cristã associa o princípio masculino, solar, discriminativo, ativo, logos, espírito ao homem e ao feminino, lunar, reflexivo, passivo, eros, matéria, à mulher”. Para a autora, os aspectos culturais ainda evidenciam a repressão ao campo feminino e à mulher, devido à dominância do patriarcado, com uma sobrevalorização do masculino. Na sua pesquisa, Aufranc (2018) descreve que as mulheres foram categorizadas em virgem santa, mãe dos filhos e a prostituta com quem se pode viver o prazer, tem ecos até hoje na psique coletiva. As questões da sexualidade não são mais vistas como pecado, mas como doença, tal qual a libido baixa e/ou ausente.

Nesse contexto, cabe a reflexão, se a sexualidade é definida como: uma energia que nos motiva para encontrar amor, contato, ternura e intimidade, ela se integra no modo como sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo ser-se sexual³. Por quais motivos, as queixas de baixa libido são direcionadas apenas para o campo físico, enfatizando a frequência e a performance sexual? A problemática instaurada trata das seguintes questões: Como seria uma sexualidade desenvolvida a partir do desejo feminino? Quais elementos do conceito de sexualidade são mais valorizados pelas mulheres? No caso das mulheres idosas com disfunções sexuais relacionadas ao não desejo de atividade sexual, como acolher essa condição? Essas perguntas necessitam de compreensão teórica e da escuta das narrativas das mulheres idosas para ampliar o problema e entender o seu desenvolvimento.

Método

A pesquisa é de caráter qualitativo e exploratório, devido à necessidade de ampliação do conhecimento específico sobre a sexualidade na velhice feminina. O procedimento para coleta de dados foi aprovado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), representado pelo CAAE: 70420123.3.0000.0020, em maio de 2023.

Para analisar as perspectivas das mulheres idosas acerca da sexualidade, a coleta foi constituída pela aplicação de um questionário via *Google Forms*, que abordou as características sociodemográficas dessas mulheres, dificuldades vivenciadas com o desenvolvimento da sexualidade no casamento, compreensão do conceito de sexualidade e situações positivas e negativas que, no contexto da sexualidade, foram experienciadas no casamento.

As participantes concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) da pesquisa. O link do questionário foi divulgado em grupos de *WhatsApp* e *Facebook* voltados à população idosa, e o período de divulgação se estendeu de 30 de abril de 2024 a 7 de junho de 2024.

A análise dos dados foi feita a partir do método do processamento simbólico arquetípico, no qual “a atitude simbólica do pesquisador é um recurso metodológico” (Penna, 2009, p. 153). Trata-se de um método de pesquisa qualitativo em Psicologia Analítica que visa a elaborar os símbolos contidos no objeto de estudo, integrando na análise não apenas o intelecto do pesquisador como também as suas funções intuitivas, imaginativas, instintivas e perceptivas.

No paradigma simbólico-arquetípico de pesquisa, subjetividade e objetividade se articulam, e os limites dessa relação são colocados em pauta. A dimensão eu e outro é separada, mas nenhuma é priorizada em detrimento da outra. Conforme Penna (2009), tanto o pesquisador quanto a população estudada possuem aspectos conscientes e inconscientes, no caso do objeto da pesquisa - o símbolo, há conteúdos manifestos e ocultos. A consciência do pesquisador se relaciona com os conteúdos expressos e desconhecidos do objeto tanto quanto o seu inconsciente, e é na relação entre o inconsciente do investigador e o aspecto consciente do símbolo que aparecem as projeções. Essas devem ser recolhidas e filtradas pela atitude reflexiva que compreende a natureza da relação dinâmica pesquisador-pesquisado.

Tendo isso em vista, o material coletado a partir do questionário foi analisado, e as circunstâncias sociais, culturais e individuais em que os símbolos apareceram foram elucidadas. Semelhanças e discrepâncias entre

³Sexual health (who.int).

os dados também. O material foi, então, organizado e mapeado em eixos temáticos a partir de unidades de significado apreendidas pelos pesquisadores, apoiados na circulação em torno dos dados (Penna, 2009).

Com isso, foram traçados os parâmetros de interpretação simbólica propostos por Penna (2009): causalidade, finalidade, casual sincronicidade, padrões arquetípicos que se sobressaem e função compensatória do símbolo em torno do inconsciente coletivo e individual. A sincronicidade é entendida por Jung (2000) como coincidências subjetivas ou objetivas relevantes, cuja ocorrência não pode ser explicada pela causalidade, as quais podem aparecer no objeto de pesquisa.

Em seguida foi efetuada amplificação do material simbólico por meio da bibliografia, não apenas em âmbito científico, mas também mitológico, etapa em que a atitude simbólica do pesquisador tem importância central e autorreflexiva. Redes de associações foram traçadas em torno das unidades de significado, amplificando o símbolo e tornando conhecidos os seus aspectos anteriormente ocultos (Penna, 2009).

Resultados

Embora a pesquisa tivesse a intenção de coletar um número expressivo de respostas que pudessem ser compiladas, comparadas e analisadas, o questionário de coleta de dados resultou em apenas três. Segundo Rego, Cunha e Meyer Junior (2018, p. 49), “amostras muito específicas requerem informantes com características muito homogêneas, o que pode conduzir a amostras de menor dimensão”. No entanto, conforme os autores citados acima, essas informações concentrariam importantes informações de uma população homogênea, explorando com profundidade os conteúdos semelhantes.

Abaixo encontra-se a descrição de cada uma das respostas a partir das perguntas do questionário, as quais envolveram as características sociodemográficas das participantes, as dificuldades vividas na sexualidade no matrimônio, situações positivas e negativas experienciadas nesse âmbito e a sua compreensão do conceito de sexualidade. Em respeito ao sigilo, foram criados nomes fictícios para as participantes.

Margarida afirmou ter entre 60 e 74 anos e estar casada há menos de 5 anos. Declarou ser heterossexual. Diante das perguntas referentes à coleta de informações sociodemográficas, afirmou ser de religiosidade católica, analfabeta, aposentada, ter uma renda de até 2 salários mínimos mensais e morar sozinha.

Margarida, ao ser questionada se algum familiar conversou com ela sobre sexualidade quando a sua vida sexual se iniciou, declarou que sim, a mãe. Afirmou ter se sentido confortável quando começou a se relacionar sexualmente, mas que teve problemas e/ou desconfortos durante a vivência da sexualidade.

Ao ser questionada se já apresentou problemas de baixa libido sexual, respondeu que sim, mas não especificou quais fatores pensa que podem estar associados a isso. Declarou, contudo, que já ingeriu medicamentos para elevar a libido. Afirmou que atualmente mantém relações sexuais. Diante do questionamento de se a velhice é um fator de impacto para a expressão da sua sexualidade, Margarida respondeu que sim.

Outra participante, Violeta, afirmou ter entre 60 e 74 anos e ser casada há mais de 20 anos. Informou que na sua casa moram ela e o marido. Declarou ser heterossexual, de religiosidade católica e ter ensino superior completo. Atualmente trabalha e tem renda mensal de até 10 salários mínimos.

Ao ser indagada sobre o que a sexualidade é para ela, Violeta respondeu que são as suas sensações eróticas físicas e psicológicas, afirmando que na vida da mulher a sexualidade tem função de prazer. Levantado o questionamento, afirmou que foram as amigas que conversaram com ela quando a sua vida sexual teve início, momento no qual as revistas da época também exerceram papel informativo. Hoje em dia, afirmou que obtém informações sobre sexualidade com as amigas de idade semelhante e em artigos na internet.

Violeta afirmou que se sentiu confortável quando iniciou a vida sexual, quando perguntada sobre o assunto. Contudo, relatou ter tido medo constante de engravidar, já que o uso da pílula anticoncepcional era difícil na época, além disso, afirmou também que o exercício da sexualidade era feito escondido dos pais.

Ao ser convidada a descrever aspectos positivos e negativos vivenciados sexualmente no seu relacionamento, Violeta disse que acredita ter tido “uma vida sexual bem gostosa, que começou a se esvaír com o envelhecimento após os 60 anos” (*sic*). Ao ser questionada sobre que conselho daria para outras mulheres sobre a sexualidade se tivesse a oportunidade, declarou que diria para aproveitarem muito os seus

corpos antes da menopausa.

Perguntada se já apresentou problemas de baixa libido, respondeu que sim. Declarou que não tem muitos sintomas desconfortáveis da menopausa, como o fogacho, mas que ela é a causa da sua diminuição libidinal. Por causa disso, relatou ter feito reposição hormonal por um tempo, mas decidiu interromper o tratamento porque o marido também apresentou redução da libido. Segundo Violeta, eles se encontram agora em outra fase do relacionamento e não tem sido um problema ter tido menos vida sexual.

Violeta declarou que mantém relações sexuais atualmente, de uma a duas vezes por mês. Ao ser perguntada sobre como expressa a sua sexualidade no cotidiano, respondeu que o faz se arrumando, usando roupas íntimas bonitas, beijando o parceiro com frequência e dormindo pertinho dele. Disse que ela e o marido se acariciam, mas nem sempre a relação é levada até o final. Quando questionada se a velhice é um fator de impacto para a expressão da sua sexualidade, respondeu “às vezes”.

A terceira participante, Camélia, tem entre 60 e 74 anos e afirmou ser solteira há mais de 20 anos e heterossexual. De religião católica, declarou ter o ensino médio completo e atualmente trabalhar, informando uma renda mensal de 2 a 4 salários mínimos. Afirmou que na sua residência vivem ela e o irmão.

Quando questionada sobre o que é a sexualidade para ela, Camélia a definiu como a entrega de sentimentos em igual proporção entre duas pessoas. Ao ser convidada a descrever a sua perspectiva acerca da função da sexualidade na vida da mulher, trouxe que nem sempre precisa ser prioridade; que a mulher pode se relacionar e viver sem que a sexualidade seja o seu principal motivador. Declarou também que a sexualidade, para ela, é a consequência de uma relação que deu certo.

Ao ser perguntada sobre como obtém informações sobre sexualidade, respondeu que o faz conversando, pesquisando e se conhecendo cada dia mais. Levantado questionamento, Camélia declarou que foi a mãe quem conversou com ela sobre sexualidade dado o início da sua vida sexual. Afirmou em seguida que não se sentiu confortável quando começou a se relacionar sexualmente, que o ato simplesmente não combinou com ela e não foi o esperado.

Convidada a descrever aspectos positivos e negativos relativos à sexualidade vivenciados nos relacionamentos, Camélia respondeu que o aspecto negativo é “fazer por fazer” (*sic*), e o positivo, “amar e fazer amando” (*sic*). Quando questionada sobre qual conselho daria para outras mulheres sobre sexualidade se pudesse, afirmou que lhes diria para vivenciar a sexualidade amando e sendo amada, nunca simplesmente pelo ato.

Ao ser indagada se já apresentou problemas de baixa libido, respondeu que não. Também declarou nunca ter feito uso de medicamentos para aumentar a libido. Quando questionada se mantém relações sexuais atualmente, afirmou que não. Declarou também que a velhice não é um fator impeditivo para a expressão da sua sexualidade. Convidada a descrever de que forma vive a sua sexualidade no cotidiano, respondeu que o faz deixando a vida “levá-la” (*sic*), principalmente se amando e sendo feliz.

Discussão

Impasses da vivência da sexualidade nos relacionamentos afetivos

A sexualidade na velhice é um tema complexo, diverso, simbólico e, socioculturalmente inserido. As participantes da pesquisa, Margarida, Violeta e Camélia, descrevem-na tanto no interior das sensações, da sensualidade e do prazer, quanto no mundo dos afetos, do carinho, do toque. Trazem-na também no amor próprio, no autoconhecimento e no se doar à felicidade.

Impasses que tangem à sexualidade foram trazidos por todas as participantes. Seja por causa das transformações com as quais o corpo se depara com o avanço da idade, seja por uma falta de identificação com o ato sexual. Cabe, então, uma análise simbólica desses obstáculos, sem perder de vista o sentido sociocultural no qual eles se inserem. Falar sobre a idosa requer que se relacionem dois elementos centrais: a mulher e a velhice.

A história ocidental, patriarcalista, restringiu o papel social da mulher à geração de filhos e ao cuidado deles. Ora foi tratada como pecadora natural inclinada à luxúria, na Idade Média, e fonte de provocação da qual o homem deveria manter distância, na Idade Moderna; ora, no século XVIII, considerada mais fraca física

e intelectualmente do que homem e por isso mais apta ao cuidado do lar (Carelli, 2017). No Brasil do século XIX, a boa mulher deveria ser submissa, doce e boa mãe. O desejo sexual, se manifestado, representava para as autoridades médicas a dominação do cérebro pelo útero e, portanto, caracterizado por diagnósticos como ninfomania ou histeria (Aufranc, 2018).

Nos séculos XX e XXI, questionamentos acerca dos papéis sociais dos homens e das mulheres foram levantados, incluindo as crenças vigentes sobre sexualidade. As mulheres e outras minorias, como homossexuais, reivindicaram direitos e a sexualidade foi despida de muitos pudores e opressões (Carelli, 2017). Contudo, a despeito dos avanços, a cultura da violência de gênero é produzida e reproduzida até hoje.

Pessoa (2021), ao analisar a dinâmica patriarcal de consciência sob a ótica da Psicologia Analítica, afirma que tem caráter de complexo cultural. Chamado pelo autor de complexo heteropatriarcal, ele insere uma diferenciação binária dos elementos, por exemplo, sexo e gênero, que se dividem rigidamente em dois, e tem mais função moral e ética, no sentido da organização social e discriminação de papéis, do que relação com o desejo e o afeto. Tal ordenação racional da sexualidade, para Aufranc (2018), tem relação com a sobrevalorização judaico-cristã do logos, do masculino, que essa cultura associa ao homem. Analogamente, López (2022) traz que é naquilo que a sociedade considera valoroso, correto, que se formam as *personas* - as máscaras e papéis sociais, bem como as sombras, o seu oposto. Afinal, ao afirmar o que é “ser” mulher a sociedade também define aquilo que não é ser mulher. O autor defende que para a compreensão dos símbolos, das sombras e das projeções é antes necessário compreender o funcionamento e a história da cultura.

Na cultura patriarcal, o cuidado e a maternidade até hoje são considerados dever das mulheres. Isso inclui não só o cuidado dos filhos, mas do marido, do lar e a priorização do outro (Zanello, 2018). “Fria”, “egoísta” e “má-mãe” estão entre os xingamentos mais ofensivos na opinião das mulheres da pesquisa feita por Zanello (2008) sobre o tema. Para as idosas, isso assume contornos específicos, uma vez que a maioria oferece apoio doméstico aos filhos, responsabilizando-se pelo cuidado dos netos e de outras pessoas da família (Negreiros, 2004).

Os problemas de baixa libido relatados por Violeta e Margarida estão inseridos nesse contexto sociocultural em que a construção da *persona* da mulher envolve enorme dispêndio energético com os outros. Jung (2013) descreveu a psique como um sistema energético relativamente fechado que se comporta de maneira entrópica e equivalente. A energia não desaparece quando deixa de ser investida em uma condição ou atividade; é transportada a outro lugar da psique de mesmo valor energético. Disso, a conclusão é que pouca energia fica à disposição para que as idosas invistam na sexualidade. A pesquisa de Cavalcanti *et al.* (2015), por exemplo, mostrou que uma das dificuldades enfrentadas por avós cuidadoras de netos é o cansaço e a falta de tempo para o exercício de outras atividades e o cuidado da saúde.

O heterocentrismo das mulheres, a imposição cultural do seu serviço ao outro, além de ter consequências para a libido, pode fazer também com que elas se sintam responsáveis por administrar a harmonia da relação com o parceiro, mantendo uma frequência de atividade sexual adequada ao desejo do marido. Muitas vezes isso as leva a performar o ato sexual sem ter vontade (Araújo; Zanello, 2024). Esse tema foi trazido por Camélia, que descreveu como aspecto negativo das suas vivências com a sexualidade o “fazer por fazer” (*sic*) o sexo.

Araújo e Zanello (2024, p. 9) elencam esse heterocentrismo à falta de interesse das mulheres pelo sexo: “O posicionamento de estar a serviço do outro pode implicar em que as preferências da mulher durante o ato sexual não sejam priorizadas, resultando em uma relação menos estimulante e atraente para elas”. A falta de identificação com a relação sexual foi outro ponto trazido por Camélia, a qual afirmou que o ato não combinou com ela e não foi o esperado, embora não tenha expressado as expectativas frustradas.

Complementarmente, Araújo e Zanello (2024, p. 12) afirmam: “Cumprir o estereótipo da mãe, sempre dedicada, abnegada, altruísta, subserviente, dócil, é incompatível com a manutenção da individualidade, esta última, pedra angular do desejo.” Na linguagem da Psicologia Analítica, pode-se afirmar que a identificação com a *persona* da mulher no patriarcado é um obstáculo para a pluralidade da sua totalidade psíquica (Jung, 2015), o que inclui as variadas formas de expressão da sexualidade. Para as mulheres que, além de mães, são avós, o estereótipo toma formas singulares. Nos contos de fadas, as avós são mulheres frágeis, bondosas, preocupadas e até mesmo solitárias e dependentes, como a adoecida avó de Chapeuzinho Vermelho. Se não

retratadas dessa forma, as idosas da literatura são as feiticeiras perversas, solitárias e amarguradas, invejosas da beleza de uma mulher jovem e boa com quem entram em conflito (Gomes, 2005).

Gomes (2005, p. 110) expressa que “a ideia de velhice e beleza, pelo menos para as mulheres, parece sempre inconciliável. Na velhice da mulher, sai de cena a imagem da mulher de formas perfeitas, corpo sensual ou símbolo sexual, evoca-se a figura da avó”. As *personas* da mãe e da avó na cultura patriarcal são de difícil conciliação com o erotismo, desejar e ser desejada. Margarida e Violeta, além de relatarem problemas de baixa libido, trouxeram a velhice como fator de obstáculo para a expressão da sua sexualidade.

Outro impasse na sexualidade emergido na pesquisa foi a menopausa, à qual Violeta atribuiu a causa da sua redução libidinal e de mudanças drásticas em sua vida sexual após os 60 anos. A OMS (1996) define a menopausa como o momento da vida da mulher em que a sua função hormonal diminui, a atividade dos ovários cessa e uma série de mudanças fisiológicas, aliadas ao envelhecimento, podem desaguar em sintomas passageiros ou perenes, desagradáveis e às vezes incapacitantes.

Mankowitz (1986) traz a menopausa como um acontecimento invisível, sem ritos de passagem associados, e acredita que a bruxa feia e malévola dos contos de fadas é uma representação inconsciente dessa mulher na cultura, que valoriza o progresso e a juventude em detrimento do velho e da ancestralidade (Procópio; Azevedo, 2019). Ferreira *et al.* (2013) defendem que os sintomas da mulher em menopausa estão intimamente relacionados com a forma como ela se percebe nesse período, no interior do seu contexto cultural, social, econômico e étnico.

Citando a autobiografia da escritora estadunidense Erica Jong, Trench e Santos (2005, p. 94) expõem o relato de uma mulher que observa as mudanças da menopausa em si e em outras mulheres: “Estamos aterrorizadas porque não sabemos no que nos transformaremos quando já não formos mais jovens e bonitas. O que nos tornamos agora que nossos hormônios nos libertaram?” O ciclo menstrual está associado à noção de renovação e, uma vez cessado, não só acompanha a atestação da passagem da idade, como dá a ideia de cessação da capacidade de renovação da mulher (Mankowitz, 1986). Em contraponto, emerge a pergunta trazida pela escritora: quem essa mulher está se tornando?

A individuação do feminino na mulher idosa (Lilith x Eva)

A afirmação da identidade feminina ainda está vinculada ao casamento e aos papéis de gênero em relação ao outro, conforme apresentado por Araújo e Zanello (2024). Essa perspectiva é histórica, segundo Carelli (2017), desde a idade antiga a mulher ocupava um papel secundário, e o homem tinha o poder sobre ela, sua função era cuidar da família e manter sua fidelidade. Até mesmo na Grécia antiga em que o tema da sexualidade, da beleza dos corpos nus eram explorados, a liberdade era vivenciada apenas pelo homem. A mulher não recebia educação formal e ficava disponível para as funções maternais e que envolviam o cuidado com as tarefas domésticas (Carelli, 2017).

A sexualidade era experienciada de forma conservadora para a mulher, com a finalidade de gerar herdeiros. Segundo Carelli (2017, p. 25), “a satisfação sexual não era um objetivo para a esposa. Apesar das dificuldades, algumas conseguiam consolar-se com outras atividades: tornavam-se alcoviteiras. A masturbação feminina era uma espécie de ‘válvula de segurança’”. A história manteve as características da sociedade patriarcal, focando na liberdade social e sexual do homem, enquanto a mulher foi se organizando neste papel primário de cuidado. Neste mesmo contexto, Araújo e Zanello (2024) afirmam que o casamento era a possibilidade de reafirmação da identidade da mulher adulta, associado, principalmente, aos valores da cultura cristã.

Nessa perspectiva histórica Judaico-cristão, encontramos no mito de Eva e Lilith a personificação de arquétipos femininos, igualmente reprimidos ao longo dos anos na sociedade. Segundo Mikosz (2017, p. 141), “as mulheres representaram a tentação, o lado sombrio e negativo do ser humano, eram como verdadeiras pedras de tropeço no caminho do homem”. Assim, segundo o autor, houve uma supremacia da cultura patriarcal tanto no ocidente quanto no oriente. No entanto, encontramos em Lilith o símbolo da força e resistência feminina.

Lilith foi a primeira mulher de Adão. Simbolicamente ela “retorna” agora junto com os movimentos feministas recentes, combatendo a chaga do domínio masculino sobre a

inferioridade feminina. Lilith não nasceu de uma costela do Adão, mas foi criada do mesmo modo que ele, Lilith nasce logo após Adão junto com os répteis e demônios no sexto dia da criação. (Mikosz, 2017, p. 144).

Para Assunção (2024), Lilith simboliza uma alternativa ao arquétipo de Eva, personificada como esposa, no entanto, ainda assim, uma figura subjugada e associada ao papel tradicional da mulher passiva no casamento.

Dessa forma, a mulher tem uma formação para ser Eva, ainda mais quando retratamos a educação conservadora das quais as mulheres idosas passaram. Nesse sentido, torna-se necessário discutir os impactos das relações heteronormativas na psique da mulher, como aponta Pessoa (2021), ao discutir o conceito de complexo heteropatriarcal, indicando que a problemática das opressões está em hierarquizar as questões do homem branco heterossexual como superiores às da mulher. A partir dessa estrutura, pode-se pensar que a pluralidade psíquica é reprimida, agredida ou ferida.

Portanto, torna-se necessário compreender a individuação da mulher idosa, tanto no modelo individual como coletivo. O conceito de individuação “significa tornar-se único, na medida em que por ‘individualidade’ entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo” (Jung, 2015, p. 63). Neste contexto, trata-se de um processo que ocorre ao longo do desenvolvimento do indivíduo.

Para Jung (2015), o processo da individuação é resultante do confronto das *personas*, ou seja, papéis sociais de adaptação ao mundo exterior com os conteúdos da sombra, conteúdos, esses que são reprimidos, recalcados em detrimento de um eu ideal/social. Essa valorização externa do indivíduo acontece desde o seu nascimento, segundo Hollis (2018), inicialmente ocorre uma identificação com a realidade dos pais, essas primeiras impressões deixam marcas importantes na psique que são projetadas nos relacionamentos sociais posteriores. As pessoas são valorizadas pelas características esperadas para o seu meio social, cultural e, principalmente, familiar, nesse sentido, pode ocorrer uma alienação em relação a sua potencialidade de vir a ser, do contato com o Self, também traduzido como si-mesmo.

A individuação é contínua no amadurecimento da personalidade e quando relacionado à mulher 60 mais, é um desafio devido aos valores instituídos nesse processo de repressão do tornar-se mulher. No aspecto da expressão da sua sexualidade, há a necessidade da exploração ainda maior do arquétipo de Lilith, pois, segundo Assunção (2024), essa contrasta com o papel de Eva, a mulher idealizada na submissão, representando a tensão entre a rebeldia e a aceitação. Assim, outras facetas da vivência da sexualidade da mulher poderiam ser vivenciadas para além do papel de cuidadora.

Nesse sentido, a pesquisa de Sousa Junior et al. (2023) enfatizou que a qualidade da relação sexual para a mulher está associada ao carinho e ao afeto, elas buscam maior valor ao romantismo e à intimidade. O caminho da busca pelo prazer da sexualidade feminina para além dos papéis ocupados revela a necessidade do afeto e de uma relação em que os sentimentos podem ser compartilhados.

Perspectivas para as expressões da sexualidade da mulher idosa

Diante da misoginia do patriarcado, do controle político exercido sobre a sexualidade das mulheres, das narrativas recheadas de tabu e preconceitos em torno do sexo na velhice e da menopausa, emerge a necessidade de pensar as perspectivas da sexualidade da mulher idosa. Mankowitz (1986) traz a menopausa e o envelhecimento como convites à renovação, à reimaginação de si. Greer (1994), em seu ilustre “Mulher, Maturidade e Mudança”, contesta as publicações de autoajuda direcionadas a mulheres de terceira idade, que disseminam a ideia de que mesmo com o envelhecimento elas ainda são boas esposas e profissionais e amantes atraentes. Segundo a autora, esses livros não imaginam a possibilidade de a mulher estar na verdade cansada de ocupar esses lugares.

A emergência de novos sentidos e narrativas em torno da sexualidade da mulher idosa se fazem necessários, discursos que facilitem a emancipação psicológica dessas mulheres. Na cultura do século XXI, alguns exemplos circulam pelas mídias, como a série *Grace and Frankie* (2015). Ela é descrita por Güercio (2017) como uma produção cinematográfica que traz o desenvolvimento de um contraimaginário, capaz de compreender a idosa como um sujeito único e multifacetado, o qual experimenta as dores e as delícias de habitar um corpo feminino que carrega as marcas da idade. Um corpo capaz de desenvolver novos relacionamentos afetivos e sexuais (Güercio, 2017, p. 113).

Grace and Frankie (2015) descreve a vida de duas mulheres idosas que passam a morar juntas quando os seus maridos decidem anunciar a homoafetividade e se casar, divorciando-se delas. A narrativa segue o cotidiano das duas, com as suas dificuldades nos relacionamentos amorosos, as pressões sociais em torno da maternidade e da aparência, as mudanças no corpo que trazem a idade e os seus conflitos emocionais e inseguranças. Temas como secura vaginal na velhice, masturbação, o medo de não ser desejada e a relação entre sexo e prazer na vida da mulher são abordados com senso crítico e humor perspicaz.

A série comporta uma perspectiva sobre a sexualidade feminina na velhice que contrapõe as noções estratificadas e preconceituosas limitadoras das possibilidades de ser das mulheres. Dá espaço para a escuta das inseguranças e dificuldades enfrentadas pelas idosas e lhes traz novas perspectivas para o seu relacionamento com o corpo, as sensações e os sentimentos.

Quando Violeta afirmou em resposta ao questionário que associa a sexualidade na vida da mulher ao prazer, vivendo-a no interior da sua sensualidade e na troca de carícias com o parceiro, e quando Camélia declarou viver a sua sexualidade no autoconhecimento, no amor-próprio e na felicidade, foi a partir desse espaço que suas vozes ressoaram. Violeta expressou ainda o processo de ressignificação da sexualidade pelo qual tem passado com o marido. Abrir-se para o novo, para singulares possibilidades de ser, encontrando vida e renovação em novos âmbitos, é o convite que faz hoje o envelhecimento da mulher.

Conclusão

O desenvolvimento da sexualidade feminina é um tema complexo, multifacetado e atravessado pelas violências do patriarcalismo ao longo da história e na atualidade. O objetivo desta pesquisa foi compreender a sexualidade das mulheres idosas à luz da Psicologia Analítica, com destaque para as dificuldades, expressões e significados atribuídos por elas.

Embora a amostra seja diminuída em relação à intenção inicial do estudo, foi possível associar muitos dos impasses vividos pelas idosas na sexualidade às violências de gênero que estruturam o complexo heteropatriarcal e aos paradigmas opressores em torno da velhice da mulher. Também foi possível pensar na individuação da mulher idosa no interior da imagem subversiva de Lilith, em contraste com Eva, e, de forma prospectiva, refletir sobre a emergência de narrativas que explorem novas possibilidades da relação da idosa com a sexualidade. Destaca-se a importância de novas pesquisas no interior da Psicologia Analítica que se aprofundem nos símbolos e nas imagens que compõem a saúde sexual na velhice.

Referências

ABAWI, K.; SMITH, M.; MARNICIO, A. Introdução à saúde sexual. In: DIEHL, A.; VIEIRA, D. L. *Sexualidade: do prazer ao sofrer*. 2 ed. Rio de Janeiro: Roca, 2017. 714p.

ARAÚJO, G.; ZANELLO, V. Só quero carinho: mulheres e desejo sexual em relacionamentos prolongados. *Psicologia em Estudo*, v. 29, p. 1-15, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/XnxtT5DNvhhH3PqhWZXn53q/>. Acesso em: 15 nov. 2024.

ASSUNÇÃO, A. Despertar de Lilith: Da Submissão à Libertação da Mulher do Arquétipo de Eva. *RCMOS-Revista Científica Multidisciplinar O Saber*, v. 1, n. 1, 2024. Disponível em: <https://submissoesrevistacientificaosaber.com/index.php/rcmos/article/view/593/1239>. Acesso em: 15 nov. 2024.

AUFRANC, A. L. B. Expressões da Sexualidade: um olhar junguiano. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*, v. 36, n. 1, p. 37-48, 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252018000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 out. 2024.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2018.

CAMARGO, S. A. P.; SAMPAIO NETO, L. F. Sexualidade e gênero. *Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba*, v. 19, n. 4, p. 165-6, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/35351/pdf>. Acesso em: 10 out. 2024.

CARELLI, A. R. Sexualidade Humana: do passado ao presente. In: DIEHL, A; VIEIRA, D. L. *Sexualidade: do prazer ao sofrer*. 2 ed. Rio de Janeiro: Roca, 2017. 714p.

CAVALCANTI, J. R. G.; VIEIRA, K. F. L.; SOUSA, D. H. A. V.; CARDOSO, D. B. Percepções e vivências de avós que cuidam de seus netos. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENVELHECIMENTO HUMANO, 4., Anais [...], 2015, v. 2, n. 1. Campina Grande, 2015. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2015/TRABALHO_EV040_MD2_SA8_ID2441_27072015135311.pdf. Acesso em: 10 out. 2024.

FERREIRA, V. N.; CHINELATO, R. S. C.; CASTRO, M. R.; FERREIRA, M. E. C. Menopausa: marco biopsicossocial do envelhecimento feminino. *Psicologia & Sociedade*, v. 25, n. 2, p. 410-419, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/Wb8Js5hSLSnXVJ4LkqBCvLt/?format=pdf>. Acesso em: 10 set. 2024.

FLEURY, H. J.; ALVES, M. B. L.; ABDO, C. H. N. Desejo sexual em mulheres jovens em relacionamentos estáveis. *Diagn Tratamento*, v. 19, n. 3, p. 144-147, 2014. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2022/03/198579/rdt-v19n4_144-7.pdf. Acesso em: 10 set. 2024.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade: As confissões da carne*. V. 4. [S.l.]: Editora Paz e Terra, 2020.

GOMES, M. Q. C. Temporalidade e Relações Geracionais: reconstruindo a imagem. In: MOTTA, A. B.; AZEVEDO, E. L.; GOMES, M. Q. C. (Orgs.). *Reparando a Falta: dinâmica de gênero em perspectiva geracional*. Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher da FFCH/UFBA, 2005. 209 p.

GÜÉRCIO, N. H. C. Grace and Frankie e a sexualidade na velhice. In: INTERPROGRAMAS – XVI SECOMUNICA - DIVERSIDADE E ADVERSIDADES: O INCOMUM NA COMUNICAÇÃO, 3., Anais [...], 2017, v. 2, Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2017. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/AIS/article/view/9188>. Acesso em: 10 set. 2024.

GREER, G. *Mulher, Maturidade e Mudança*. São Paulo: Augustus, 1994.

HILLMAN, J. *O livro do puer*. 2 ed. Tradução: Gustavo Barcellos. São Paulo: Paulus, 2008.

HOLLIS, J. *A passagem do meio: da miséria ao significado na meia-idade*. Paulus, 2018.

JUNG, C. G. *A energia psíquica*. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

JUNG, C. G. *A Natureza Da Psique*. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, C. G. *O eu e o inconsciente: dois escritos sobre Psicologia Analítica*. 27 ed. Tradução: Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Editora Vozes, 2015. Obras Completas de C. G. Jung, v. 7/2.

JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

GRACE and Frankie. *Criação por Marta Kauffman e Howard J. Morris*. Estados Unidos da América: Netflix, 2015. 94 episódios.

LÓPEZ, V. F. Psicologia Analítica Cultural: da semiótica ao inconsciente coletivo. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 18., 2022. Anais [...], Salvador, 2022. Disponível em: <https://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-607/139211.pdf>. Acesso em: 10 set. 2024.

LOYOLA, M. A. A antropologia da sexualidade no Brasil. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 10, n. 1, p. 143-167, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/9tmhqWKJnD87pjMBkfdgXjh/>. Acesso em: 10 set. 2024.

MANKOWITZ, A. Menopausa: tempo de renascimento. São Paulo: Paulinas, 1986.

MASTERS, W.; JOHNSON, V. O relacionamento amoroso: segredos do amor e da intimidade sexual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

MIKOSZ, J. E. A mulher e o mal a alma negativa, o mito de Lilith e a santa inquisição. Revista Humus, v. 6, n. 18, 2017. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/6331>. Acesso em: 10 out. 2024.

NEGREIROS, T. C. G. M. Sexualidade e Gênero no envelhecimento. Alceu, v. 5, n. 9, p. 77-86, 2004. Disponível em: https://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu_n9_negreiros.pdf. Acesso em: 10 out. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Saúde sexual, direitos humanos e a lei [e-book]. Tradução: Daniel Canavese de Oliveira e Maurício Polidoro. Porto Alegre: UFRGS, 2020. Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/175556/9786586232363-por.pdf>. Acesso em: 10 out. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Investigaciones sobre la menopausia em los años noventa. Ginebra, 1996.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. Desenvolvimento humano. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PENNA, E. M. D. Processamento Simbólico Arquetípico: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica. São Paulo, 2009. 228f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/15817/1/Eloisa%20Marques%20Damasco%20Penna.pdf>. Acesso em: 10 out. 2024.

PESSOA, G. O Complexo Heteropatriarcal: uma contribuição para o estudo da sexualidade na psicologia analítica a partir da teoria social. Junguiana, v. 39, n. 2, p. 89-102, 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252021000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 out. 2024.

PROCÓPIO, L. R. B.; AZEVEDO, L. G. N. G. A influência e as repercussões da obra A Velhice, de Simone de Beauvoir, na produção literária brasileira sobre o tema do envelhecimento. Revista Kairós - Gerontologia, v. 22, n. 2, p. 535-553, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/47186>. Acesso em: 15 out. 2024.

REGO A.; CUNHA, M. P.; MEYER JR., V. Quantos participantes são necessários para um estudo qualitativo? Linhas práticas de orientação. Revista de Gestão dos Países de Língua Portuguesa, v. 17, n. 2, p. 43-57, 2018. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rgplp/article/view/78224>. Acesso em: 15 out. 2024.

SOUSA JÚNIOR, E. V. de et al. Função sexual e sua associação com a sexualidade e a qualidade de vida de mulheres idosas. Escola Anna Nery, v. 27, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/8JnqPYbyZkwRxzR7NKHJ9Nm/>. Acesso em: 15 out. 2024.

VIEIRA, K. F. L; COUTINHO, M. P. L; SARAIVA, E. R. A. A sexualidade na velhice: representações sociais de idosos frequentadores de um grupo de convivência. Psicologia: ciência e profissão, v. 36, n.1, p. 196-209, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/dtF8qQ6skTwWk4jK5ySG7Gq/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2024.

TRENCH, B.; SANTOS, C. G. dos. Menopausa ou Menopausas? Saúde e Sociedade, v. 14, n. 1, 91-100, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/WJgGfLxdL9rWM5jsQpWSYbv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2024.

ZANELLO, V. Saúde Mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.

ZANELLO, V. Xingamentos: entre a ofensa e a erótica. In: FAZENDO GÊNERO 8 - CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 2008. Anais [...], Florianópolis, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/221706218_Xingamentos_entre_a_ofensa_e_a_erotica. Acesso em: 4 ago. 2024.

Recebido em: 01/07/2025

Aprovado em: 10/03/2025